

DISCURSOS E PRÁTICAS DA VIRGINDADE NO CRISTIANISMO E AS VIRGENS CONSAGRADAS COMO PRÁTICA ASCÉTICA NA IGREJA DE NOSSOS DIAS

Francisco Paulo da Silva¹

Resumo: A prática da virgindade aparece como norma entre os cristãos nos primeiros séculos e ao longo da história sofre mutações que afasta esta prática do exercício da continência sexual simplesmente, encaminhando o sujeito para o estado de uma relação espiritual com Deus. Assumindo um caráter prescritivo, se direciona para estabelecer as bases de uma conduta fixada na relação entre fazer-verdadeiro e dizer-verdadeiro. Na atualidade da experiência cristã, a instituição das Virgens Consagradas coloca a prática da virgindade como experiência singular dos sujeito consigo mesmo, sua alma, seu corpo em direção ao pacto com Cristo. Este artigo tem como objetivo analisar os mecanismos da ascese que configuram a experiência histórica da consagração das virgens, na atualidade, pensando as ressignificações da relação virgindade-subjetividade-verdade no cristianismo.

Palavras-chave: Discurso. Cristianismo. Virgindade. Verdade. Virgens Consagradas.

DISCOURSES AND PRACTICES OF THE VIRGINITY IN CHRISTIANITY AND THE CONSECRATED VIRGINS AS AN ASCETIC PRACTICE IN THE CHURCH OF OUR DAYS

Abstract: The practice of virginity appears as a norm among Christians in the first centuries and throughout history it has undergone mutations that distance this practice from the exercise of sexual continence simply, leading the subject to the state of a spiritual relationship with God. Assuming a prescriptive character, it aims to establish the bases of a conduct fixed in the relationship between doing-true and saying-true. In the actuality of the Christian experience, the institution of the Consecrated Virgins places the practice of virginity as a singular experience of the subject with himself, his soul, his body towards the pact with Christ. This article aims to analyze the mechanisms of asceticism that configure the historical experience of the consecration of virgins today, considering the reinterpretations of the relationship virginity-subjectivity-truth in Christianity.

Keywords: Discourse. Christianity. Virginity. Truth. Consecrated Virgins.

¹ Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (2005) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara) e Pós-doutorado pela Universidade de Coimbra - UC, no Centro de Estudos Sociais (CES). E-mail f.paulinhos@uol.com.br

Cristianismo e virgindade - no princípio eram as interdições

A relação do sujeito com os prazeres da carne e o tratamento da alma é objeto dos discursos que instituem práticas de conduta presentes desde a sociedade pagã e ressoa na doutrina dos padres do século II, permanecendo no cristianismo dos primeiros séculos como traço da moralidade necessária aos cristãos para bem se conduzir ao encontro com Deus. Das orientações para uma vida monástica até a regulação das práticas do cristão comum, a obediência era o caminho que devia afastar o sujeito dos prazeres da carne, rumo a uma arte da existência cristã. No projeto de sua História da sexualidade, Foucault (2020) aponta que é dessa experiência da carne nos primeiros séculos do cristianismo e, nessa experiência, do papel da hermenêutica bem como o da decifração purificadora do desejo que tratam *As Confissões da Carne*, o IV volume da *História da Sexualidade* de Michel Foucault.

O conjunto de discursos produzidos sob o regime de verdade do cristianismo e que marca os interditos na composição da moral cristã em relação aos prazeres da carne permaneceu quase o mesmo entre os séculos II e V, com valorização da virgindade e da castidade absoluta que reforça a disciplina penitencial e a ascese monástica e vão definindo uma certa relação de si consigo e com o mal e o verdadeiro, organizando uma nova experiência do si com uma transformação redentora: “A ‘carne’ deve ser compreendida como um modo de experiência, isto é, como um modo de conhecimento e de transformação de si por si, em função de uma certa relação entre anulação do mal e manifestação da verdade” (FOUCAULT, 2020, p. 73).

Na produção da subjetividade cristã, não se trata somente de expulsar o proibido, mas tornar este ato como renúncia, tratá-lo como transgressão

da alma, ponto de encontro com a verdade. Nesse prisma, temas que tocavam nas proibições da carne e que no mundo pagão enfatizam o controle das paixões são ressignificados na prática cristã e vão sendo direcionados não mais como valor em vista do controle das paixões, mas como “uma moral de identificação a um corpo, o corpo do próprio Cristo, que, superando a morte, havia, com sua ressurreição, instaurado uma nova lógica na ordem temporal” (CALÇADO, 2015, p. 94).

As formas, os procedimentos que marcam este encontro com Cristo têm suas mutações e variáveis na genealogia da prática cristã. Assim, a prática da *metanoia* que, por meio da penitência, caracterizava o trabalho de arrependimento da alma pela comprovação da penitência-arrependimento no cristianismo primitivo marcava o ponto de aceitação do pedido de perdão pelo Deus benevolente. E se o batismo não podia ser repetido, a penitência abria a possibilidade constante de o cristão provar seu arrependimento e o Senhor renovar seu perdão. Este exercício do si que se materializa na *metanoia* não era só manifestação de si, momento de reconhecer suas faltas, mas mudança de estado, da transformação operada sobre si.

A construção dessa subjetividade cristã tem fortes elementos da experiência com a carne, tal como foi discursivizada nas práticas cristãs do Ocidente. Ocorre que no processo de formação da Igreja Cristã do Ocidente, os “Santos Padres”, como eram conhecidos os teólogos, bispos e mestres, foram responsáveis por elaborarem o pensamento e a moral daquilo que viria se constituir na doutrina Cristã. Apesar de uma falta de homogeneidade na visão destes precursores, a questão do controle sobre a sexualidade, ou os prazeres da carne, inscrevia uma regularidade nos discursos. Cipriano, bispo de Catargo, registou no tratado *De Habitu Uirginum* os códigos de conduta destinados às virgens cristãs, exaltando a virgindade e defendendo que ela devia se manifestar na carne

(corpo) e no espírito: “Cipriano define a virgindade em relação à purificação do batismo. Este faz de nós, de nosso corpo e seus membros, o templo de Deus” (FOUCAULT, 2020, p. 201). No registro de Foucault (2020), Cipriano lança louvores à virgem, registrando o lugar que lhe é próprio e destaca esta passagem de *De Habitu Uirginum* “Flor do germe da Igreja, honra e ornamento da graça espiritual, feliz disposição, obra intacta e incorrupta” (FOUCAULT, p. 2020, p. 201).

Mas esta exaltação à virgindade pelo reconhecimento de sua representação da Igreja veio acompanhada de códigos de conduta que assinalavam nos escritos dos Santos Padres o controle do comportamentos das virgens da Igreja. Assim, os tratados eram diretrizes, funcionando como efeitos do poder sobre o corpo: valorização do estado virginal, continência, celibato. No caso das mulheres, os cristãos estabeleceram regras em relação aos comportamentos religiosos e sociais. Nesse rumo, em busca de zelarem pelo estado virginal das mulheres, os escritos prescreviam que a virgem deveria se afastar dos prazeres mundanos que envolvem a luxúria e as ostentação, pois contribuem para o rompimento do estado virginal. Para preservar esse estado, Cipriano deu as diretrizes comportamentais das virgens um caráter doutrinal, ampliando o controle sobre o corpo e a religiosidade, especialmente das mulheres virgens:

Ao admoestar as suas companheiras de fé, Cipriano tentava preservar a reputação das virgens cristãs, que eram, segundo o bispo, primordiais para a notoriedade da Igreja e de seus membros. Elas deviam ser lembradas como virgens consagradas que, juntamente com as mães exemplares e as viúvas continentas, seriam encarregadas dos cuidados com os pobres e doentes. Deviam ser, primordialmente, modestas, educadas, dóceis, reflexos da verdadeira crença em Cristo (SOARES, 2013, p. 50).

A experiência crista da carne e a produção de uma ascese cristã definiram nos cinco primeiros séculos do cristianismo práticas as quais o

indivíduo era obrigado a adotar para se distanciar do mal: a penitencia e a prática contínua do exame e da vigilância (FOUCAULT, 2020). Tais práticas deveriam revelar os movimentos da alma. Assim, deveriam ser capazes de manifestarem um rompimento com a vida dos homens comuns, promovendo a morte do corpo pela vida eterna da alma.

As tecnologias para a produção desta alma, parecem ter se configurado por dois procedimentos que revelam o trabalho do si no exercício da verdade:

De um lado, uma aleturgia na qual o fazer-verdadeiro dos gestos, das atitudes, das lágrimas, das macerações e das formas de vida parece prevalecer amplamente sobre as formulações do discurso; de outro, uma aleturgia na qual o “dizer-verdadeiro” parece impor uma verbalização tão exaustiva quanto possível dos segredos da alma. À “*exomologesê*” como manifestação do ser pecador pode-se opor a “*exagoreusis*” como enunciação dos movimentos do pensamento. Oposição que parece se justificar tanto do ponto de vista da tecnologia própria a cada uma destas práticas quanto do ponto de vista de seu contexto institucional (FOUCAULT, 2020, p. 454).

Com referência a estas práticas de veridicção e seus efeitos sobre o corpo cristão, Foucault (2020) toma-as como práticas pelas quais o indivíduo cristão subjetivou-se, tornando-se sujeito pela fabricação de um discurso do dizer verdadeiro a respeito de si mesmo, como manifestação de efeitos de saber articulado ao poder que obriga o indivíduo a se constituir como sujeito de uma verdade, produzida como o verdadeiro pelas artimanhas e técnicas do saber-poder.

Instituída como prática de linguagem que manifestava os modos de dizer verdadeiro no quadro da penitência monástica, Foucault (2020) assinala que na *exagoreusis* a renúncia a si toma a forma particular de voltar a si mesmo uma atenção contínua, tão detalhada e aprofundada quanto possível, porém seu exercício não se dava para saber o que no fundo se era, não para libertar a forma

autêntica, primitiva e pura de uma subjetividade, mas para se ler nas profundezas da alma os embustes do Maligno. O objetivo dessa técnica era levar o indivíduo a renunciar e participar, pelo querer, dos movimentos das tentações para, no processo final, abandonar a vontade pessoal em favor das vontades de Deus e do diretor. Já a *exomologese* aplicada ao estatuto penitencial se refere a um “não mais ser” que, nos confins da vida e da morte, promete o outro mundo por meio da renúncia ao real; e que o exame-confissão da vida monástica visa a um “não mais querer” que, do fundo da alma, expulsa o outro por meio da formulação do verdadeiro. Esse processo de produção da verdade tem como efeito a obediência como medida para a ascese. Essas práticas de penitência, segundo Foucault (2020, p. 458), “contribuíram muito para o aumento considerável da propensão ao discurso e da vontade de saber que caracteriza a experiência de si e dos outros em nossa sociedade”.

A experiência monástica da penitência com suas técnicas de produção da verdade contribuíram para o encaminhamento de regras de condutas para os leigos, o que fomentou a necessidade da construção do padre como pastor, que deveria cuidar de todos e de cada um individualmente e se esforçar para conhecê-los até o fundo da alma.

Foucault (2020) assinala que a história das relações entre “mal-fazer” e o “dizer-verdadeiro” no Ocidente cristão não poderá ser escrita sem referência à existência dessas duas formas, as suas diferenças a sua tensão e ao lento movimento que acabou por privilegiar uma a expensas da outra, especialmente quando no decorrer do século XVI e ainda mais ao longo do século XVIII, a questão do governo dos indivíduos se tornou, tanto do ponto de vista político quanto do religioso, um problema maior.

Poder Pastoral e controle da carne: a obediência necessária rumo ao reino do

céu

No processo de discussão sobre o governo e suas tipificações, Foucault trata da emergência do poder pastoral, ressaltando que a ideia de que pode haver um governo dos homens parece ter seu lugar de aparecimento no Oriente pré-cristão, primeiramente e num Oriente cristão depois, o que teria se dado sob a forma da ideia e da organização de um poder pastoral, depois sob a forma da direção de consciência, da direção das almas. Parece que antes disso, a ideia de governo era aplicada ao cuidado com a administração das cidades, o que caracterizava a experiência de governo na Grécia. A ideia do Pastor teria vindo da relação de obediência do pastor à Deus que lhe confiou o rebanho dos homens. Mas o pastorado se desenvolveu e se intensificou entre os hebreus tornando a relação pastor-rebanho quase exclusivamente uma relação religiosa:

A relação pastoral, em sua forma plena e em sua forma positiva, é portanto, essencialmente, a relação entre Deus e os homens. É um poder de tipo religioso que tem seu princípio seu fundamento, sua perfeição no poder que Deus exerce sobre seu povo (FOUCAULT, 2008, p. 167-168).

A ideia de um poder pastoral imprime como sua característica fundamental cuidar do rebanho. Esse poder não tem outra razão de ser a não ser seu bem-fazer que se estende ao bem-fazer em relação à alma, à salvação da alma, função que lhe é associada quando o pastorado se coaduna às tecnologias de poder do cristianismo. O poder pastoral chega no Ocidente pela Igreja cristã. No pastorado cristão a ideia de uma vida depois da morte que dependeria de uma boa conduta no plano terrestre, impõe o desenvolvimento de práticas de conduta de si, como tecnologias da salvação que era obrigação para os cristãos.

Creio que se forma assim, com essa

institucionalização de uma religião como a Igreja, forma-se assim, e devo dizer que muito rapidamente, pelo menos em suas linhas mestras, um dispositivo de poder que não cessou de se desenvolver e de se aperfeiçoar durante quinze séculos, digamos desde os séculos II e III depois de Cristo, até o século XVIII da nossa era. Esse poder pastoral, totalmente ligado à organização de uma religião como a Igreja, a religião cristã como Igreja cristã, esse poder por certo transformou-se consideravelmente no curso desses quinze séculos de história. Ele por certo foi deslocado, desmembrado, transformado, integrado a formas diversas, mas no fundo nunca foi verdadeiramente abolido. E quando eu me coloco no século XVIII como sendo o fim da era pastoral, é provável que ainda me engane, porque de fato o poder pastoral em sua tipologia, em sua organização, em seu modo de funcionamento, o poder pastoral que se exerceu como poder é sem dúvida algo que ainda não nos libertamos (FOUCAULT, 2008, p. 196-197).

A institucionalização do poder pastoral como governo de uns pelos outros, introduziu a consciência entre os cristãos do regime das almas e da necessidade de suas técnicas, artes. Segundo Foucault (2008), foi Gregório de Naziano o primeiro a definir essa arte de governar do pastorado como técnica, o regime das almas, *ars artium* e assim, “esse jogo do governo de uns pelos outros, do governo cotidiano, do governo da pastoral, foi isso que foi entendido durante quinze séculos como sendo a ciência por excelência, a arte de todas as artes, o saber de todos os saberes” (FOUCAULT, 2008, p. 200).

Pensando sobre a institucionalização desse poder pela Igreja, Foucault (2020, p. 476) formula a seguinte questão: “que tipo de poder estava, portanto, presente na figura do pastor?” A ele cabia reunir, guiar, nutrir, velar, salvar, prestar contas do seu rebanho. Assim se configurava nas práticas do pastorado as funções próprias a um certo tipo de poder voltado a regular a conduta dos homens. Esta função só podia ser exercida por aquele cujo saber-fazer fosse a expressão de formação e de transmissão da verdade. Assim, a verdade tornou-se um operador decisivo para o conhecimento e vigilância das almas.

A racionalidade do poder pastoral exerce-se também sobre a virgindade como estado necessário à obediência a Deus. Observando essa categoria da obediência na cultura grega e na cristã, Foucault (2008), especialmente no que pode diferenciar o poder pastoral nessas duas experiências, diz que o pastorado cristão organizou algo diferente que se poderia chamar de Instância de obediência pura; diferente da grega que teria sido uma obediência da lei, o cristianismo se produziu como uma religião da vontade de Deus para cada um em particular, de modo que considerando as particularidades, a ação do pastor deve se estender a todos, no sentido de cuidar da alma de todos. Funda-se, com isso, uma relação de dependência integral entre pastor e cristão comum. Obedecer é, portanto, uma virtude de obediência. Obedece-se para ser obediente, para alcançar um estado de obediência. – aquele definido pela renúncia definitiva a toda vontade própria. Isso leva a afirmar que a *Apátheia*, termo grego que se refere à ausência das paixões, no cristianismo não se dá pelo controle de si, renúncia que se daria pela capacidade de se controlar, como nos gregos. No cristianismo o *páthos* que se vai se conjurar por meio das práticas de obediência é antes uma vontade, uma vontade orientada para si mesma, e a ausência de paixão, a *apátheia*, vai ser a vontade que renuncia a si mesma e que não para de renunciar a si mesma.

Foucault (2008), ao descrever o funcionamento do poder pastoral ressignificado pelo cristianismo, observa que se configura aí um processo de individualização do sujeito que se pode apreender através dos discursos a respeito da salvação, da lei e da verdade. Assim se esboça o prelúdio do que Foucault viria a desenvolver sobre a noção de governamentalidade. No poder pastoral, essa governamentalidade se daria de duas maneiras:

Pelos procedimentos próprios do pastorado, por essa maneira, no fundo, de não fazer agir pura e simplesmente o princípio da salvação, o

princípio da lei e o princípio da verdade, por todas as espécies de diagonais que instauram sob a lei, sob a salvação, sob a verdade, outros tipos de relações. É por aí portanto que o pastorado preludia a governamentalidade. E preludia também a governamentalidade pela constituição tão específica de um sujeito, de um sujeito cujos méritos são identificados de maneira analítica, de um sujeito que é sujeitado em redes contínuas de obediência, de um sujeito que é subjetivado pela extração de verdade que lhe é imposta (FOUCAULT, 2008, p. 243).

Com essa análise do funcionamento do poder pastoral, Foucault afirma que é com essa constituição típica do sujeito como efeito desse poder que se formou uma racionalidade de governo das condutas, de uma governamentalidade nas sociedades ocidentais. Mostraremos mais adiante neste artigo, como a Igreja, no exercício desse poder na modernidade, produz na consagração das virgens a ideia de obediência, de sujeição à vida de esposas de Cristo, da Igreja.

O dispositivo da Virgindade na Igreja de nossos dias: a Ordem das Virgens Consagradas como prática ascética

A presença das virgens na igreja católica remonta aos primeiros séculos do cristianismo. Nos primeiros séculos depois de Cristo muitas mulheres cristãs sacrificaram suas vidas, tornando-se mártires, ao preservarem sua virgindade, que passou a ser símbolo de sua devoção e compromisso com Deus. Extremamente valorizada pela tradição cristã, a virgindade foi tema de vários textos do século IV. Foucault (2020) cita textos dedicados a esse tema e que tem origens no Oriente, mas também textos de origem latina, destacando que essa valorização da virgindade aparece bem antes desse período em uma tradição que se refere à primeira Epístola aos Coríntios. Esses textos expressavam a aversão aos atos da carne como uma forma de se produzir a purificação da alma.

Por meio desse apontamento da centralidade da virgindade nas práticas cristãs e das tecnologias de controle da experiência da carne que aparece nos Santos Padres, mas também nos padres da igreja moderna, somos levados a perceber que de lá para cá ocorreu um movimento, um deslocamento nas formas de perfilar a conduta das virgens que introduzem no dispositivo da virgindade novas formas de relação entre a virgem e a Igreja na contemporaneidade, de modo que a valorização da virgindade como experiência pode ser caracterizada pelos modos de vida instituídos para condução da Virgens Consagradas.

A consagração das virgens na experiência da Igreja atual foi instituída pelo Papa Pio XI em sua Encíclica *Sacra Virginitas* (1954). Essa instituição das Virgens Consagradas colocou a prática da virgindade como experiência singular dos sujeito consigo mesmo, sua alma, seu corpo em direção ao pacto com Cristo sob novas bases de construção dessa experiência, como efeito do dispositivo da virgindade que funciona como tecnologia da alma na subjetivação das Virgens Consagradas, assegurando um vínculo com a Igreja por meio de mecanismos de ascese que configuram a experiência histórica da consagração das virgens na atualidade sob o signo da relação virgindade-subjetividade-verdade.

Em sua Encíclica, o Papa Pio XII considera que a virgindade e a castidade consagrada ao serviço de Deus estariam, sem dúvida, entre os mais preciosos tesouros deixados como herança à Igreja pelo seu Fundador. Assim, a finalidade primordial e a razão principal da virgindade cristã, encaminhar-se apenas para as coisas de Deus e para orientar, para ele só, o espírito e o coração, querer agradar a Deus em tudo, concentrar nele o pensamento e consagrar-lhe inteiramente o corpo e a alma. Por isso, as pessoas que desejam dedicar-se ao divino serviço, abraçam o estado de virgindade como libertação, para poderem mais inteiramente

servir a Deus e contribuir com todas as forças para o bem do próximo.

Como dispositivo² de controle e regulação das condutas das virgens consagradas, a *Instrução Ecclesia Sponsae Imago sobre o Ordo Virginum*, do Papa Francisco, publicada em 2018, destaca que a imagem da Igreja Esposa de Cristo aparece no Novo Testamento, desde os tempos apostólicos, como um ícone revelador eficaz da natureza íntima da relação que o Senhor quis estabelecer com a comunidade dos que nele creem. Essa expressão encontrou uma manifestação totalmente peculiar na vida daquelas mulheres que, correspondendo ao carisma evangélico despertado nelas pelo Espírito Santo, com amor esponsal, se dedicaram ao Senhor Jesus, na virgindade, para experimentar a fecundidade espiritual da relação íntima com Ele e oferecer os frutos à Igreja e ao mundo. O documento traça a fisionomia e a disciplina da forma de vida das Consagradas.

Em 2020, ano em que estava programado um encontro internacional das Virgens Consagradas, em comemoração aos 50 anos do ritual da Ordem dessas virgens, mas que não ocorreu devido ao isolamento social imposto pela Covid 19, o Papa Francisco dirigiu sua mensagem reforçando o papel das Virgens Consagradas na Igreja:

A vossa vocação evidencia a riqueza inexaurível e multiforme dos dons do Espírito do Ressuscitado, que renova todas as coisas (cf. Ap 21, 5). Ao mesmo tempo, é um sinal de esperança: a fidelidade do Pai continua ainda hoje a colocar no coração de algumas mulheres o desejo de serem consagradas ao Senhor na virgindade, vivida no seu ambiente social e cultural comum, radicadas numa Igreja particular, numa forma de vida antiga e simultaneamente nova e moderna. (PAPA FRANCISCO, 2020, *on-line*).

2 Tomamos a noção de dispositivo tal apresentada por Foucault (1979), para quem o dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos.

O Papa Francisco reforça o estado de virgindade como necessário à dedicação ao trabalho da Igreja e sinal de esperança para dar continuidade ao projeto do Senhor. E, exercendo a função de pastor, aconselha:

A Oração de Consagração, ao invocar sobre vós os multiformes dons do Espírito, pede que possais viver numa *casta libertas* (*Rito da Consagração das Virgens*, 38). Seja este o vosso estilo de relacionamento, para ser sinal do amor esponsal que une Cristo à Igreja, virgem mãe, irmã e amiga da humanidade. Com a vossa bondade (cf. *Flp* 4, 5), tecei tramas feitas de relações autênticas, que resgatem da solidão e do anonimato os bairros das nossas cidades. Sede capazes de desassombro, mas afastai a tentação da murmuração e da maledicência. Tende a sabedoria, a desenvoltura e a credibilidade da caridade, para vos opordes à arrogância e evitar os abusos de poder (PAPA FRANCISCO, 2020, *on-line*).

Inscreve-se nos enunciados acima uma reconfiguração do estado de virgindade que não se limitaria à renúncia solitária da carne, mas aglutinaria uma função à virgem de praticar a caridade e a transformação social, atuando contra os abusos de poder. Com isso, o Pontífice dá um sentido político à devoção das virgens e ao projeto da Igreja dos tempos de hoje.

Assim, vemos no dispositivo da virgindade uma reconfiguração da relação corpo e espírito anunciada pela Igreja moderna. Tratando da visão teológica do corpo pelo Papa João Paulo II, Moreira (2019) nos diz que este papa considera a categoria do dom. Por esse viés, o corpo é testemunha da Criação, um dom fundamental, portanto, testemunho do amor como fonte desta doação. Desse modo, não basta o ser humano reconhecer a bondade do Criador, ele precisa desenvolver um *ethos* perfeito do amor, do reconhecimento da doação do Criador. Nesse reconhecimento, instaura-se o entendimento, segundo o Santo Papa, de que o amor humano inserido no plano divino necessariamente precisa ser entendido dentro da dinâmica integral da pessoa humana e, é nesse

contexto, que João Paulo II irá afirmar sua tese de que o corpo, e de fato só ele, é capaz de tornar visível o que é invisível: o espiritual e o divino.

Transportando essa questão para os efeitos do dispositivo da virgindade na atualidade, vemos na construção discursiva do estado virginal uma valorização espiritual da virgindade que não se limita à continência, mas àquela postura que caracterizaria a disciplina necessária à ascensão das recompensas divinas. O que pode ser observado nesta discursivização é que o corpo virgem não é condição fundamental para o exercício de uma vida de devoção à Cristo, trata-se de considerar o pacto que se faz com Cristo de não mais cometer o pecado da carne, uma vez que na condição de esposa de Cristo, certificada pelo ritual da consagração, a virgem teria uma vida de dedicação cotidiana, sendo o que mais deve interessar hoje aos olhos da Igreja.

Virgens Consagradas, esposas de Cristo: dispositivo da virgindade na igreja dos dias de hoje

Objeto de discussão e de diferentes posicionamentos, o tema da virgindade entre os cristão apresenta variações, de modo que se desenvolve historicamente pela imposição de práticas rígidas de renúncia da carne e de sacrifícios de penitência, para purificação da alma, até a valorização da virgindade como estado de espírito e compromisso com a Igreja, mesmo que a renúncia permaneça nos dias de hoje. Na discussão que segue, tratamos dos deslocamentos do dispositivo da virgindade na Igreja atual. Para tanto, recorreremos a enunciados que circularam na mídia e em documentos recentes da igreja católica.

Figura 1: Ritual de Consagração de uma virgem



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46480557>

O enunciado³ acima registra, no ritual de consagração de uma virgem, a celebração de seu casamento com Cristo. Retirado de uma reportagem assinada por Valeria Perasso e publicada pela BBC News/Brasil. A noiva da foto é Jessica Hyaes, uma mulher de 41 anos que trabalha e tem vida social e que decidiu viver em castidade, como prova de seu compromisso com Cristo. Jéssica mora em Indiana/EUA. Sobre seu

³ Estamos tomando o enunciado na perspectiva de Foucault (2000), portanto considerando sua natureza semiológica, sua função de existência, seu domínio associado e sua materialidade. Para Foucault, o enunciado entra na ordem das contestações, das lutas, torna-se tema de apropriação ou rivalidade. Assim, registra no seu aparecimento o pertencimento a uma formação discursiva e a um domínio de memória que ela mobiliza.

casamento com Cristo, Jéssica assim se posiciona: “Começou a ficar claro que Deus estava me pedindo para eu viver uma relação de matrimônio com Ele”.

A relação de Jéssica com sua condição de esposa de Cristo aparece como ato de obediência por vontade própria tal como a obediência descrita como técnica por Foucault, ao tratar do funcionamento do poder pastoral. O enunciado que segue, inscreve a satisfação da Virgem Consagrada, por este casamento, como decisão de abrir mão dos prazeres mundanos, proclamando seu voto de castidade para servir ao seu Mestre e Esposo:

Muita gente diz: “há, você é solteira”. E tenho que explicar que meu principal relacionamento é com Deus, que o que estou fazendo é entregar o meu corpo a ELE. É um presente de amor, não sinto que seja privação” (cf. PERASSO, 2018, *on-line*).

Com a publicação de *Ecclesiae Sponsae Imago: instruccion sobre el Ordo Virginum*, o Papa Francisco (2018) parece retomar posições já existentes na experiência cristã sobre a virgindade como voto, compromisso, estado virginal que constitui o enlace das Virgens Consagradas com Cristo, mas não coloca a virgindade originária como exigência para uma vida de dedicação e lealdade que deve ter as consagradas, pois esse compromisso deve ser firmado com a obra do Esposo.

Como tesouro de grande valor que Deus coloca num pote de barro (cf. 2 Cor 4,7), de fato, a vocação é o dom imerecido que alcança a pessoa na sua humanidade concreta, sempre necessitada de redenção e ansiando por uma plenitude de sentido para o seu amor misericordioso, atua incessantemente em eventos humanos, não raramente complexos e às vezes contraditórios, para ajudar a pessoa compreender a singularidade e unidade de sua existência e permitir que você se entregue totalmente. Neste contexto, será mantido em mente que o apelo ao amor virginal, sponsal e fecundo da Igreja por Cristo não se reduz ao sinal da integridade física e que ter mantido o corpo em perfeita continência ou ter vivido de forma exemplar a virtude da castidade, embora seja de grande importância, não constitui uma exigência determinante sem a qual é impossível admitir a consagração (PAPA FRANCISCO, 2018, seção 88, *on-line*).

Essa posição do Papa Francisco foi destaque na reportagem de 2020, publicada na plataforma digital da BBC News/Brasil, em dezembro de 2018, que discorreu sobre o casamento da virgem Consagrada Jessica Hayes.

Figura 2: Posição do Papa Francisco sobre a virgindade



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46480557>

Algumas declarações feitas pelo Papa Francisco, sobre o celibato, o casamento homoafetivo e a virgindade, desenham, mesmo que isso não ocorra sem resistência por parte significativa do clero, uma tendência nesse seu pastorado de tornar a Igreja mais aberta, questionando aqueles posicionamentos conservadores que marcaram a história da Igreja no plano da sexualidade.

Considerações Finais

A discussão centrou-se nos modos como a virgindade foi tratada pelos Santos Padres e como vem sendo vista pela Igreja atual, apontando os deslocamentos no tratamento desse tema, no Cristianismo Ocidental e na produção do indivíduo por meio de técnicas voltadas ao controle sobre o corpo e os prazeres da carne. Mostramos, seguindo a discussão de Foucault sobre o Poder Pastoral, como o cristianismo aprimorou técnicas tornando o exercício desse poder eficaz na produção de uma subjetividade cristã. Vimos que a estruturação do Poder Pastoral adotou em relação à virgindade um caráter doutrinal, desenvolvendo técnicas de controle sobre o corpo e instruções de conduta, valorizando a obediência e o exercício da renúncia como condição para a salvação da alma.

Levando em conta o objetivo traçado, focamos nos deslocamentos operados nas práticas da Igreja na atualidade, destacando uma tendência que desloca o dispositivo da virgindade, ao discursivizar a virgindade como um estado de virgindade, afastando-se da ideia de uma virgindade originária como condição para devoção ao projeto de Deus e da Igreja. A referência feita ao modo de vida das Virgens Consagradas nos ajudou a tratar desse deslocamento.

O que se deixou entrever na discussão foi que o Poder Pastoral se atualiza em suas técnicas e concepções sobre a vida cristã, em um exercício de governamentalidade que coloca o governo dos

indivíduo no plano religioso, mas também político e social, afinal de contas é tarefa das Virgens Consagradas se dedicar a Deus e seu projeto de transformação do mundo.

Referências

CALÇADO, Thiago. A carne se fez verbo: confissões cristã e sexualidade em Michel Foucault. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/11690/1/Thiago%20Calçado.pdf>.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, MICHEL. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso do Collège de France 1977-1978. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 4: as confissões da carne. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. São Paulo: Paz e Terra. 2020.

MOREIRA, Suzana Regina. Contribuições de João Paulo II para uma compreensão teológica do corpo. In: *Annales FAJE*, Belo Horizonte - MG, v. 4, n. 3, 2019. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4325/4358>.

PAPA FRANCISCO. Ecclesiae Sponsae Imago: instruccion sobre el Ordo Virginum. Vaticano, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20180608_istruzione-ecclesiesponsaeimago_sp.html.

PAPA FRANCISCO. Mensagem do Papa

Francisco no cinquentenário da promulgação do Rito da Consagração das Virgens. Roma, em São João de Latrão, na Solenidade de Pentecostes, 31 de maio de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200531_messaggio-50-ritoconsacrazione-vergini.html.

PAPA PIO XII. Carta Encíclica Sacra Virginitas. Vaticano, 25 mar. 1954.

PERASSO, Valeria. O intrigante mundo das virgens consagradas: “Me casei com Cristo. In: BBC News/Brasil, 7 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46480557>.

SOARES, Carolline da Silva. Cipriano e o tratado De habitu uirginum: a construção de fronteiras entre as virgens cristãs e a busca pela pureza na igreja de Cartago (séc. III d. C.) In: Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos, n. 1, p. 38-53, 2013.

Submissão: agosto de 2021-09-25

Aceite: setembro de 2021.